Luciana Mello/Divulgação



O bagulho é rir

Em meio à marola de milhões da comédia nacional, com 'Minha Melhor Amiga' e 'Os Farofeiros 3', o hilário thriller 'Verão da Lata' chega para ampliar o barato do circuito

Dois policiais federais, Sandra (Samantha Schmütz) e Brasa (Babu Santana), buscam a verdade por trás do aparecimento das latas de maconha na costa brasileira



> *"O filme se mantêm fiel ao espírito debochado e anárquico que marcou o período de redemocratização, sem nunca perder de vista a despretensão e a habilidade do brasileiro em rir de si mesmo"*
>
> **SANTIAGO DELLAPE**

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Queimando tudo até a última ponta... do imaginário carioca... o episódio retratado em "Verão da Lata" vai apertar... e vai acender agora... neste 19 de novembro, ao estrear em circuito, uma faísca histórica capaz de unir contravenção e acaso, tendo deixado muita gente de olhinho vermelho. Com a ousadia de quem se arriscou a fazer uma ficção científica (e das boas) no Brasil (o cult "A Repartição do Tempo"), o diretor Santiago Dellape agora volta ao passado, até setembro de 1987, quando a tripulação do navio Solana Star, carregava 22 toneladas de maconha pela costa brasileira.

A erva estava distribuída em mais de 14 mil latas. O povo da embarcação lançou a carga ao mar após ser interceptado numa operação da Polícia Federal e da Marinha, nas proximidades de Angra dos Reis. As correntes levaram parte da droga até as praias do Sudeste.

O fenômeno ficou conhecido como o "Verão da Lata". O "bagulho", de origem tailandesa e apelidado de "veneno", se espalhou pelo país e rapidamente ganhou fama por sua potência. O caso, que ocorreu poucos anos após o fim da ditadura militar, influenciou a música e a cultura pop. Inspirou canções de blocos de carnaval, versos do poeta Chacal e sucessos como "Veneno da Lata", de Fernanda Abreu, além de consolidar um imaginário de liberdade e irreverência que marcou o Brasil do final dos anos 1980. É aí que o filme opera.

"O 'Verão da Lata' é uma história super cinematográfica, daquelas que você escuta e fala: 'Essa história dá um filme!'. Só mesmo o 'roteirista Brasil' poderia ter concebido uma premissa tão surreal quanto essa, de uma maré de latas de maconha chegando às praias cariocas e disparando uma verdadeira corrida pelo ouro verde", conta Dellape. "Eu era criança na época das latas e não aproveitei aquele verão como muitos aproveitaram, mas posso afirmar que venho investigando o tema da cannabis pelo menos ao longo dos últimos 30 anos. A pesquisa para o filme se beneficiou da farta cobertura televisiva que as emissoras da época fizeram, e esse material de arquivo acabou sendo embaralhado no corte final do filme de forma muito original pela montadora, a Maria Rezende".

Neste momento de corrida às comédias nacionais, com o milionário desempenho de "Minha Melhor Amiga" (e seus seis milhões de pagantes) e o frisson em torno de "Os Farofeiros 3" (de quina pra lua desde sua abertura com 300 mil espectadoras/es), "Verão da Lata" pode ampliar a marola de sucesso das produções de espectro popular do país. Dellape assina o roteiro com Davi Mattos e Renato Fagundes, contando com as produtoras Gancho de Nuvem, Na Paralela Filmes, Nada Consta e A Fábrica ao seu radar. Tem coprodução com Warner Bros. Discovery e H2O Produções, com distribuição da H2O Films.

Na trama, conhecemos os policiais federais Sandra (Samantha Schmütz) e Brasa (Babu Santana), parceiros de personalidades opostas que acabam diante de um caso nada convencional. Na história, milhares de latas cheias de maconha começam a aparecer nas praias brasileiras, provocando uma verdadeira 'corrida do ouro verde' no verão de 1987. Enquanto tentam entender a origem da carga, os dois cruzam o caminho de traficantes, policiais corruptos, jornalistas, malandros e jovens em busca de sorte, em uma trama inspirada livremente no episódio real que marcou aquele verão.

"Por orientação do nosso departamento jurídico, tentamos dissociar ficção de realidade em alguns aspectos que poderiam nos trazer dor de cabeça do ponto de vista legal. Então alteramos os nomes de todos os envolvidos, mudamos a nacionalidade do comandante do barco de americana para australiana e, por muito pouco, o nome real da embarcação, que era Solana Star, não foi trocado por Verano Breeze. Felizmente, tivemos autorização para usar o nome original faltando poucos dias para a filmagem. Mas as referências históricas estão todas lá, a começar pelo quadro do Presidente Bigode na parede da sala do delegado, que os mais vividos certamente irão reconhecer", conta o cineasta.

No enredo central, Alane Dias faz sua estreia como atriz no cinema no papel de Marina, uma jovem caiçara que, ao lado do irmão Chico, vivido por Igor Jansen, está entre os primeiros a encontrar as misteriosas latas. Rafael Saraiva interpreta Michael, o cozinheiro do navio ligado ao episódio que desencadeia a história. O elenco conta ainda com Humberto Martins, Leandro Firmino, Polly Marinho, Gabi Correa, Ademara e Paulinho Serra. A trilha sonora é um componente importante nessa ambientação de época e Dellape lista as mais emblemáticas:

"Eu destaco as duas faixas do Bezerra da Silva, que fazem alusão direta aos conflitos narrados na trama: 'A Fumaça Já Subiu Pra Cuca', que é uma curtição com a cara da polícia ao alegar que 'não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca' (tática semelhante à dos traficantes do Solana Star, que despejaram as latas no mar para se livrar do flagra da Marinha Brasileira), e 'Malandro é Malandro e Mané é Mané', que é um verdadeiro hino carioca e resume bem o choque de personalidades dos nossos protagonistas, Sandra e Brasa", explica o diretor, com a certeza de que "Verão da Lata" tem uma energia pop colorida e vibrante bem característica da década de 1980. "Ele bebe na fonte de programas televisivos daquela época, como 'Armação Ilimitada' e 'TV Pirata', inclusive a queridíssima Cristina Pereira faz uma participação especial no filme como Dona Arlinda, mãe da personagem da Samantha Schmütz. No final das contas, sinto que o filme consegue, satisfatoriamente, traduzir o desbunde estético daquela época e se manter fiel ao espírito debochado e anárquico que marcou o período de redemocratização do Brasil, sem nunca perder de vista a despretensão e a habilidade do brasileiro em rir de si mesmo".